

Marleide Meneses Bispo

**Sociolinguística e o Ensino da Língua Portuguesa em Escolas Públicas de
Aracaju: A Sociolinguística no ambiente escolar**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e
Extensão – NPGE, de Faculdade de Administração de Negócio de Sergipe –
FANESE, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Ensino de
Língua Portuguesa e Diversidade Linguística**

Antônio Ponciano Bezerra

Nome completo do Avaliador

Mônica Maria Soares Rosário

Nome completo do Coordenador de Curso

Marleide Meneses Bispo

Nome completo do Aluno

Aprovado (a) com média: 9,0_____

Aracaju (SE), 5 de janeiro de 2017.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a Sociolinguística no ambiente escolar. Nesse âmbito, diante da insatisfação dos alunos pelo ensino da Língua Portuguesa, surgiu o questionamento: “Como o professor de Língua Portuguesa enfrenta com a diversidade linguística em sala de aula?” A proposta foi investigar, preliminarmente, se o docente trabalha com questões de variação em sala de aula e como se posiciona em relação aos alunos que utilizam a língua em várias possibilidades de produção. Este trabalho, portanto, tem o objetivo central a possibilidade de investigar a contribuição dos pressupostos teóricos da Sociolinguística nas aulas de Língua Portuguesa, nas séries do 9 ano do Ensino Fundamental e do 2 ano do Ensino Médio e, como específicos, analisar os subsídios da Sociolinguística nas aulas de língua materna, ao tempo em que averigua como os discentes têm recebido o problema da variação linguística em sala de aula. Nesses aspectos, a fundamentação teórica baseia-se autores tais como Bortoni-Ricardo (2005); Castilho (2011); Coelho (2015); Calvet (2002); Cezario (2011); Gomes (2009); Santos (2016). A metodologia aplicada nesta pesquisa foi de cunho qualitativo e interpretativo, haja vista ter sido realizada mediante pesquisa de campo, constituída da observação de aulas em duas escolas públicas. Portanto, a coleta de dados realizou-se por meio de questionários e de entrevistas. Ao final, comprovou-se que os alunos se sentem discriminados pela maneira com que são tratados, pela forma como utilizam a língua no ambiente escolar. Além disso realizou-se uma pesquisa de campo constituída da observação de aulas em escolas públicas, logo a coleta de dados por meio de questionários e de entrevistas. O estudo propagou que a maior parte dos alunos não tem acesso à reflexão sobre os pressupostos da sociolinguística no dia a dia escolar e também vários alunos se sentem descriminados pela maneira como utiliza a língua. As finalizações foram que, como previsto, os docentes receberam formação sobre sociolinguística, porém não realizam de maneira a avaliar a variação como existência e discrimina os usos da língua, quando é considerada fora da norma padrão.

Palavras-chave: Sociolinguística. Língua Portuguesa. Variação linguística. Ambiente Escolar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS SOCIOLINGUÍSTICA	4
2.1 A Sociolinguística na Escola	6
2.2 Preconceito Linguístico	7
3 METODOLOGIA.....	9
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS	10
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	12
REFERÊNCIAS	13
APÊNDICE A.....	15
APÊNDICE B.....	16

1 INTRODUÇÃO

No ambiente escolar, a falta de interesse dos alunos pela disciplina língua portuguesa, tem sido o foco de muitos conflitos no fórum dos debates sobre a educação. A Sociolinguística então, associada ao estudo da língua em uso no seio das comunidades de fala, ligando o estudo descritivo dos aspectos da sociedade ao englobar os princípios culturais. Aquela, portanto, vem para desmistificar a concepção de homogeneidade da língua, haja vista não haver padrão único para as manifestações da linguagem. Língua e sociedade, ligadas de forma indissociável, reitera essa relação como suporte da constituição do ser humano. Dessa forma, o objetivo central desse estudo é investigar a contribuição dos pressupostos teóricos da sociolinguística nas aulas de língua portuguesa. Como objeto de observação, tivemos as aulas de língua materna em séries do 9 ano do Ensino Fundamental e do 2 ano do Ensino Médio. O que se pretende com essa pesquisa é analisar os subsídios da sociolinguística nas aulas de língua materna e averiguar como os discentes têm recebido a questão da variação linguística em sala de aula.

Na sociedade, a diversidade linguística sujeita-se a opiniões distintas e, não raro, preconceituosa. O foco do nosso trabalho é como o professor de Língua Portuguesa enfrenta a diversidade linguística em sala de aula. A proposta foi investigar, preliminarmente, se o docente trabalha com questões de variação em sala e como o professor se posiciona em relação aos alunos que utilizam a língua em várias possibilidades de produção.

A língua está em permanente mudança e, por isso, não pode ser ensinada de forma paralisada e mecanizada, fato que justifica este trabalho, pois é impossível planejar atividade de Língua Portuguesa, em sala de aula, sem considerar a discussão sobre variação linguística. É fundamental então que se observe como a sociolinguística tem afetado, ou não, a prática dos professores de língua materna nas diversas escolas do país.

Este trabalho, que se soma a tantos outros dessa temática, apresenta, em 2016, um ponto de vista que traz uma abordagem acerca das ações em função de uma reestruturação desse tipo de visão na prática docente.

2 OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A Sociolinguística estuda língua em uso real. Em relação a isso, Cezário e Votre (2011) reiteram que a Sociolinguística carrega as relações entre arcabouço linguístico, cultural da construção linguística, e aspectos sociais, cuja interação social ocorre através da língua. Além disso, a Sociolinguística investiga, em profundidade, aspectos da linguagem no contexto social, preocupa-se com a descrição ampla da linguagem, tendo em foco a consequência da sociedade sobre a língua. A análise da Sociolinguística então investiga a relação entre métodos de mudança que ocorrem na estrutura da língua ao longo do tempo como o processo de variação em um momento inerente.

Conforme Tarallo (1986, p. 08), "[...]variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade [...]". Nas leis da gramática, que é uma recorrência da língua, a concordância entre sujeito e verbo é uma variável linguística, ou seja, tem duas variantes, uma que tem concordância no verbo e outra com a ausência dessa concordância. Na (sócio) linguística, qualquer variação que a língua expõe é considerada legítimas, independentemente de região, gênero, escolarização e de grupo social que a utilize. A sociolinguística cabe conduzir sobre as variações linguísticas empíricas observadas em uma comunidade e o que é variável em conexão com a estrutura social que acontece na própria sociedade. Portanto, é fundamental entender que um falante pode possuir competência de dominar diferentes normas. A respeito desse contexto Coelho (2015, p.39) afirma que:

Numa sociedade há inúmeras normas linguísticas, que caracterizam as diferentes comunidades: as normas de comunidades urbanas, as de comunidades rurais, as vernaculares, as dos grupos de letrados, aquelas que caracterizam os grupos de jovens, as que identificam as populações de periferias urbanas, as normas de adolescentes urbanos etc.

De acordo com LABOV (2008[1972]) apud SALOMÃO, 2011, p. 5), a Sociolinguística entende que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social (internos à língua) ou estrutural (externos à língua), os quais podem exercer pressão sobre os usos. A percepção de heterogeneidade está correlacionada à noção de variação linguística de tal forma que uma motiva a outra. Ao compartilharmos as ideias de Labov, Castilho (2010, p.197), percebemos que as línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos no dia a

dia. A heterogeneidade atribui a variação, porém está motivado na variação que pode ser sistematicamente explanada.

De acordo com Coelho (2015), similarmente evidencia três normas tratadas por Faraco, norma padrão, curta e culta. A norma padrão apodera a escrita como um ideal a ser seguido, transformando a língua abstrata e artificial. A norma curta seria a que prevalece na escola, portanto, para Coelho (2015) essa é a que causa mais inconveniência, pois vem de uma norma purista e determina o "certo" e o "errado". E, em decorrência de a norma ser executada em sala de aula, temos um problema evidente: o alastramento do preconceito linguístico, visto que rejeita a variação sociolinguística e tem caráter seletivo. O autor enfatiza que a norma culta, sendo uma variação linguística do uso dos falantes letrados, carrega uma desorganização de como efetivamente funciona, já que é associada a um valor social, logo, rejeita a língua heterogênea. Por conseguinte, é fundamental que o docente saiba diversificar essas normas para que o ensino se torne efetivo.

O Brasil, sendo um país de ampla diversidade cultural e étnica e considerando o convívio do português com o tupi, além da influência dos idiomas europeus, carrega, historicamente, uma fusão de elementos linguísticos. Nesse âmbito, o modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, semelhantemente chamada "sociolinguística" por operar com números e tratamento estatístico os dados recolhidos, é dado a William Labov que persevera na relação entre língua e sociedade, produziu um modelo de análise que proporcionou a sistematização da variação da língua. Nessa perspectiva, o discente deve ser informado de que a língua pode ser aplicada como meio social, quando se torna a dever de o professor providenciar o reconhecimento da diversidade linguística, usando o ambiente escolar como uma ferramenta importantíssima para formar cidadãos críticos. Portanto, que esse possam apreender que a variedade da língua é funcional. Segundo Bagno (2007, p.86), reeducação pela sociolinguística é uma proposta pedagógica que permeia a variação linguística, que considera não apenas as conquistas das ciências da linguagem, mas também as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida.

2.1 A Sociolinguística na Escola

O ensino da Língua Portuguesa nas escolas tem sido apreendido pelos alunos de maneira mecânica, pois não enfatiza a comunicação. De fato, esse ensino prioriza o regulamento das normas e inibe as ideias ao menosprezar o ato da leitura. Conquanto, percebe-se que a maneira

como a língua é ensinada tem levado ao fracasso de resultados positivos. Bortoni - Ricardo (2005) relata que a escola parte do primórdio de ensinar a língua da cultura de maior prestígio prestigiosa, a norma padrão, e o que se distancia deste código é considerado 'ruim', e deve ser exterminado. Caberia ao professor então transformar o ensino de língua materna em algo prazeroso. Esta, sendo interação, deveria levar em consideração os diferentes papéis exercidos pelos falantes, pois a aprendizagem tem que estar- ligada à interação; tem de servir a esse fim.

Sociolinguística previne a escola a respeito da conveniência de abordagem da heterogeneidade da língua, enquanto a escola é um espaço que abriga alunos de diferentes vivências. Segundo Santos, Mendes e Pereira (2016, p. 2), o ensino de língua portuguesa nas escolas foi entendido de maneira errônea, já que a tradição exige o ensino prescritivo das normas (encontradas nas gramáticas normativas), e que ensinar a variação linguística é contribuir para "erros" na fala.

É fundamental que se compreenda que a sociolinguística aplicada nas aulas do ensino de língua materna amplia o conhecimento dos alunos sobre o fenômeno da variação linguística. Através da Sociolinguística o professor busca despertar a consciência do aluno em relação à língua materna, mostrando formas de adequação às circunstâncias do processo de comunicação. É função do professor de Língua Portuguesa ampliar a competência linguística e sociocomunicativa do aluno, apresentando a norma culta como uma possibilidade de uso a mais da língua. É importante salientar que não é de nossa pretensão que o ensino da gramática seja abolido do espaço escolar, pois as normas são inerentes ao exercício da língua. Precisamos então fazer com que os conteúdos gramaticais sejam selecionados e trabalhados de acordo com a realidade linguística dos alunos.

Nesse processo, o ambiente escolar torna-se um espaço para debater as variedades, transformando os momentos das aulas de língua portuguesa numa autêntica averiguação da língua.

2.2 Preconceito Linguístico Observa-se que o aluno apresenta dificuldades com a coesão.

Embora o Brasil possua uma variedade linguística muito marcada, a escola ensina a linguagem formal, ou seja, aplicando a norma culta como sendo única, como se os alunos não soubessem nada em relação à língua, desprestigiando a bagagem cultural que o aluno traz

consigo. Daí o ambiente escolar acaba estabelecendo os mitos de que “português é muito difícil”, de que pessoas sem instrução escolar não sabem falar, de que o conhecimento das regras gramaticais é necessário para saber escrever e falar. Infelizmente, essa consolidação só tem valor quando consideramos tais regras e conceitos como indispensáveis à nossa experiência porque não agregam valores padrão. Todavia, essa ideia não apresenta consistência, pois cada um dispõe de uma gramática interna do uso da língua materna. Sendo flexível, a língua adapta-se a cada grupo de modo diferenciado. Falta coesão. Assim, os falantes que usam a chamada “norma popular”, distanciando-se da norma culta, tornam-se vítimas de preconceito linguístico. Subir o período abaixo.

Na concepção de Gomes (2009, p. 76), esse preconceito é referente à tradição enunciada pela gramática normativa:

- Nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como um sistema rígido de leis a serem cumpridas, e aquele que não as cumpre é “julgado e condenado” por isso. referências

Os usos que contrariam essas regras gramaticais são vistos olhados como anormais. Em nosso meio social, a aceitação dessas diferenças encontra fortes restrições, pois é importante termos consciência de que existem línguas e culturas diferentes, e que as variações linguísticas existem porque as línguas são fatos sociais. Em sala de aula, as variedades linguísticas se misturam, nessa perspectiva, o docente deve considerar uma produção ideal para o desenvolvimento da fala dos alunos presença do coloquial. A escola, sem dúvida, é o ambiente no qual as pessoas vão para aprenderem e justamente nesse lugar que podemos mostrar como os brasileiros falam o português certo. Entretanto, diante das variedades entre os grupos, a língua adapta-se às necessidades da população. É papel do professor, portanto, mostrar que existe diferença entre língua e gramática, ainda que muitos projetem as regras da gramática tradicional como sendo a única forma correta de falar e escrever, beneficiando o preconceito linguístico. Sobre esse contexto, Silva (2012, p. 168-9) relata que: “Preconceito linguístico é, provavelmente, consequência da não distinção entre gramática e língua. De maneira equivocada, o fomento dessa confusão tem sido patrocinado, historicamente, pelos próprios gramáticos”.

3 METODOLOGIA

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativa e detalhes sobre observação não participante, como metodologia de trabalho. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas do estado de Sergipe, ambas situadas na capital, em Aracaju. As escolas são de bairros periféricos, isto é, no Bairro 18 do forte, zona norte, onde fica o Colégio Estadual Governador Valadares e o Colégio Estadual Ministro Marco Maciel. Foram assistidas vinte e quatro aulas de Língua Portuguesa em turmas do 9º ano do ensino Fundamental, e no 2º ano do Ensino Médio, em cada escola. Procedeu-se observação da rotina das turmas e do trabalho dos professores, quando foram analisados os usos da linguagem e as variedades encontradas no ambiente escolar.

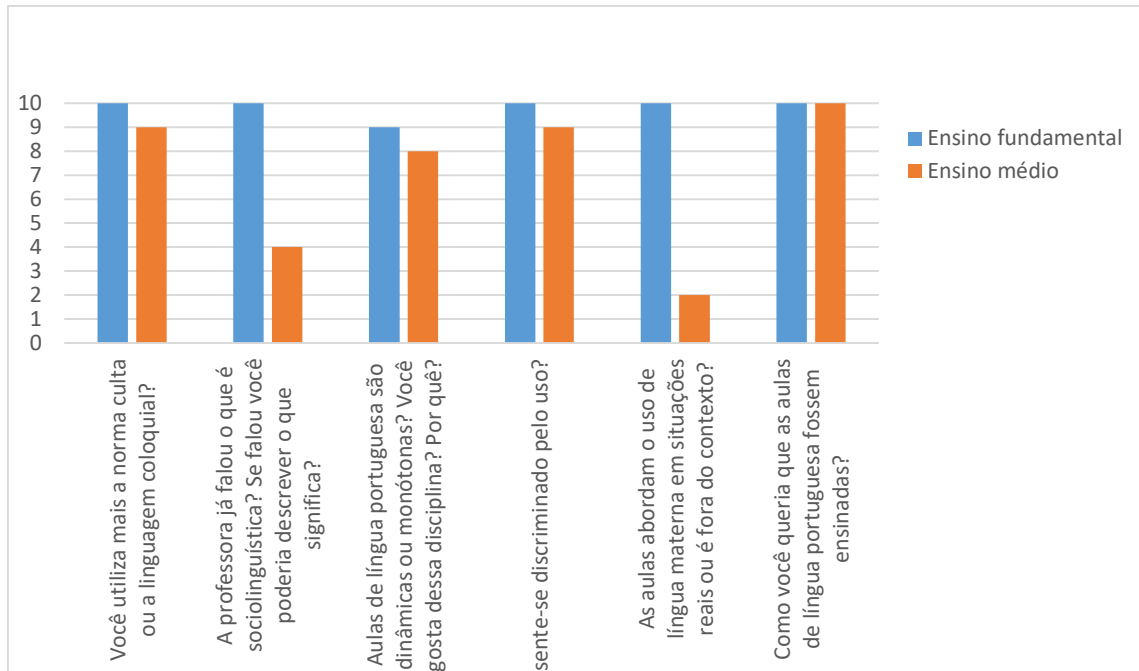
O trabalho se desenvolveu nas seguintes partes: planejamento, entrevistas e observações. Essas etapas foram seguidas da análise de conteúdo qualitativo. A cada etapa, fizemos as devidas anotações, que se tornaram fundamentais para as informações contidas no nosso trabalho. A observação do ambiente escolar tem o objetivo de verificar como está sendo o desenvolvimento do ensino, em referência à abordagem das variedades linguísticas, diante da qual demos ênfase à oralidade, tanto do perfil docente como do aluno.

Ao concluir a observação, foi solicitado aos professores que respondessem a um questionário, mediante o qual ele deveria revelar conhecimento das questões de variação e dos pressupostos da sociolinguística, como também em relação à sua prática docente. Procedeu-se também uma entrevista com os alunos, na qual eles deveriam responder questões que analisavam o ensino da língua portuguesa e como eles se sentiam em relação ao uso da variedade linguística. A opção pela aplicação de questionários foi oportuna porque entendemos que era uma via segura na obtenção de dados. Mediante os questionários, e das respostas colhidas, percebemos a concepção do docente quando o assunto é língua e variação linguística. É importante destacarmos que, no questionário e na entrevista com os professores, mesclamos perguntas como temas especificamente linguístico com outros em que direcionava a prática docente. Entrevistamos vinte alunos de cada escola e foi solicitado a cada um dos docentes que respondesse a um questionário.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA E ANÁLISE DE DADOS

Os professores afirmaram ter estudado a disciplina, que o objeto é a língua falada em situações realmente vivenciadas, que se utilizavam dos pressupostos da sociolinguística, além de afirmarem que é fundamental tratar da variação linguística com os alunos. Afirmaram também que realmente existe o preconceito linguístico, mas que enfatizam, nas aulas, que não podemos ter esse tipo de preconceito, pois a língua é também flexível, que está se adapta a uma diversidade de situações de uso. Quanto à questão, de como procediam com os alunos quando estes se desempenhavam linguisticamente, os docentes afirmaram que sempre os corrigiam, quando cometiam, na fala, algum desvio da norma padrão. Informaram ainda que as correções eram feitas exemplificando que aquela maneira de se comunicar era inapropriada para aquela situação, mas que podia ser usada em outras situações. Realmente foi verificado, através da observação, que os docentes não se utilizam das contribuições da Sociolinguística em suas aulas, que tratam as variações da língua como “erro” e “corrigem” os alunos de maneira preconceituosa e constrangedora.

Quando questionado sobre as atividades realizadas em suas aulas e em referência à profissão, alguns responderam que trabalhavam com textos diversificados, a exemplos de: filmes, revistas e jornais. Outros professores afirmaram que utilizavam muito de produção de texto, oferecendo vários suportes, que utiliza sempre em suas aulas são utilizados os TICs. Quando indagados acerca gostarem ou não da profissão, alguns responderam que essa é uma linda profissão, além de ser formadora de opinião; que é gratificante acompanhar a evolução dos alunos e saber que você contribuiu para as conquistas deles. Outros responderam que gostam de ser professor, apesar do desejo de mudar de profissão. O gráfico a seguir, apresenta algumas questões.



Verificou-se, através dos dados analisados, que os alunos não gostam das aulas de Língua Portuguesa. No Ensino Fundamental, 90% dos alunos não gostam da disciplina, enquanto os do Ensino Médio, 80%, citaram que a disciplina é um tédio, que o professor só passa regras e, além de ter que aprendê-las, tinham que decodificar as exceções. Infere-se, a partir desse pressuposto, que o professor não aborda o uso da língua materna e, quando usa a língua padrão, sempre fora de seu ambiente do dia a dia; não havendo nenhum sentido significativo para o exercício dessa prática em sua realidade social. Os discentes do Ensino Fundamental, 100% deles, relataram que o ensino é fora do contexto, enquanto o Ensino Médio, 20%, afirmaram que, em virtude do Enem, às vezes, o professor relaciona. Quando questionados acerca do conhecimento da Sociolinguística, 100% dos alunos do Ensino Fundamental disseram que não sabiam o que era, e nunca ouviram, em momento algum, a professora comentar esse assunto. Entretanto, 40% dos alunos do Ensino Médio afirmaram positivamente que, em algum momento, a professora mencionou, mas não souberam responder o que significava.

Comprovou-se, mediante a pesquisa, que os alunos utilizam mais a linguagem coloquial, pois não têm domínio de aplicar a norma culta no dia a dia. O Ensino Fundamental, 100% em relação à norma coloquial, enquanto o Ensino Médio 90%. A respeito da utilização da linguagem usada, os alunos do Ensino Médio, 90% enfatizaram que, ao se utilizarem da norma coloquial, sentem-se discriminados pelos professores, que os corrige. Entretanto, os alunos do Ensino Fundamental, 100% deles, relataram que, em nenhum momento, se sentiram discriminados. Os docentes em nenhum momento fazem alguma observação, simplesmente

ênfatizam que o correto seria de tal forma e não a utilizada pelo aluno. Portanto, os professores perdem uma oportunidade excelente para envolver os alunos em reflexões sobre adequação e inadequações de uso da linguagem. Os alunos do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, 100% deles, interrogados acerca de como gostariam que fossem as aulas de Língua Portuguesa fossem ensinadas, afirmaram que gostariam que as aulas fossem passadas de forma lúdica, que não fosse aquela pressão de tantas regras, embora aplicassem essas regras com exemplos do nosso cotidiano, ou seja, que os professores pudessem mostrar toda a variação da nossa língua.

Verificou-se que vários discentes do Ensino Médio se sentem discriminados, especialmente no ambiente escolar. Na observação das aulas, constatamos que as professoras, apesar de declararem que tratam a questão da diversidade linguística de modo não preconceituosa, se comportam de modo prescritivo e não dispunham de uma atitude crítica. Observou-se ainda que as professoras corrigem os alunos de modo pouco significativo, ocasionando constrangimento em algumas circunstâncias.

Ao final de nossas análises, observamos que os docentes da Língua Portuguesa não manuseiam das contribuições da Sociolinguística em suas aulas. As professoras não se interessavam por trabalhar questões de variação com os discentes e nem com os contextos adaptados, outros casos em que a língua padrão é empregada. Das entrevistadas, apenas uma professora, do Colégio Marco Maciel, comentou sobre o preconceito linguístico, mas houve impressão, que ela debateu, só por causa da presença do pesquisador na sala de aula. Constatamos que as aulas eram direcionadas para o estudo das regras da gramática, ou seja, meramente decorativa. Por esse motivo, os alunos reiteraram não gostar de Língua Portuguesa.

As professoras expuseram-se incoerentes porque, no questionário respondido, admitiram utilizar as contribuições da Sociolinguística para aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. Contudo, o que verificamos em sala de aula não coincide com a realidade vivenciada pelos alunos no seu cotidiano. Além disso, os professores discriminam os alunos por não aplicarem a norma padrão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociolinguística é uma área de estudo que tem uma função de evidenciar as variações linguísticas em qualquer domínio social. Este trabalho então procurou analisar a influência dos

pressupostos da Sociolinguística na prática docente. Tivemos como objetivos introdutórios avaliar como os estudos sociolinguísticos contribuem para o ensino da Língua Portuguesa e averiguar como os discentes têm recebido a variação linguística. Os questionamentos foram respondidos através da metodologia aplicada. Percebeu-se que, independentemente de os professores terem conhecimento da Sociolinguística, não a aplicam em sala de aula, causando dificuldade no processo de aprendizagem. Os professores, portanto, assumem uma atitude conservadora, mantendo a prática de ensino normativo da gramática, impondo várias regras a serem seguidas, tornando o ensino de língua materna uma prática preconceituosa.

Observou-se que, apesar de terem consciência de que a língua não é homogênea, os professores insistem em tratar a variação como erro e, lamentavelmente, corrigindo os alunos de maneira constrangedora, conduzindo-os a acreditarem que a variedade aplicada seria incorreta. De maneira geral, a escola não admite, não respeita, e não estuda a diversidade linguística. O que constatamos é que o ensino não legitima a multiculturalidade, certificando-se de que a prática pedagógica padrão é a que prevalece, cujas práticas denunciam as diretrizes oficiais, uma visão sociofuncional da escola.

Finalizamos este estudo com a proposta de ressaltar a importância de mais pesquisas acerca da Sociolinguística nas aulas de língua materna, pois esse é o caminho mais viável para mudar a realidade atual, de uma aprendizagem voltada para um passado inoperante e preconceituoso.

O trabalho apresenta certa dificuldade em firmar os pressupostos teóricos. O aluno faz menção de pontuar os pressupostos, mas não os estende. Em determinados aspectos, em virtude dessa falta de amadurecimento, a pesquisa fica comprometida. Há problemas de coloquialismo. É preciso notificar as regras da ABNT em referência à configuração da folha, espaçamentos, capa, etc. Solicito ao aluno que reveja as correções, as refaça de forma consciente, e me reenvie para uma última análise.

REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, Louis- jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola, 2002.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2011.

CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de língua. In: COELHO, Izete Lehmkuhl; GÖSKI, Edair Maria; SOUZA, Christiane Maria N. de. **Para conhecer sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 135-162.

GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Metodologia do ensino de língua portuguesa.** São Paulo: Saraiva, 2009.

SALOMÃO, Ana C. B. (2011). **Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil.** Fórum Linguístico, Florianópolis. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2011v8n2p187/21673>. Acesso em: 17 outubro 2016.

SANTOS, Iara Melo; MENDES, Maria de Lourdes Dantas; SANTOS PEREIRA, Darcilene. **A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA.** Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 9, n. 1, 2016.

SILVA, Camilo Rosa. Diferentes gêneros, diferentes linguagens: a variação linguística na aula de português. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes(org). **A didatização de gêneros no contexto de formação continuada em EaD.** João Pessoa: Editora Universitaria\UFPB, 2012.

APÊNDICE A

Questionário aplicado aos professores

1. Quais são as atividades atuais que são abordadas nas suas aulas?
2. Você gosta da sua profissão?
3. Na graduação você estudou a disciplina sociolinguística? Se estudou qual é o objeto de estudo da sociolinguística?
4. Você acredita que o preconceito linguístico é um fato?
5. Professora, as questões da sociolinguística cooperam de alguma forma para as suas aulas de língua portuguesa?
6. Você acredita ser imprescindível trabalhar a questão das variações linguísticas em sala de aula?
7. Nos momentos que você está com seus alunos, em relação como eles usam a linguagem, você: corrige rapidamente ou não repreende eventuais “erros”. Se corrige de que maneira é abordada?

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista com os alunos

1. Você utiliza mais a norma culta ou a linguagem coloquial?
2. Em algum momento a professora já falou o que é sociolinguística? Se falou você poderia descrever o que significa?
3. Aulas de língua portuguesa são dinâmicas ou monótonas? Você gosta dessa disciplina? Por quê?
4. No ambiente escolar, você quando utiliza a linguagem considerada fora do padrão da norma culta, sente-se discriminado? A professora ao ouvi-lo, faz alguma observação? Se faz que tipo de observação?
5. As aulas de língua portuguesa em algum momento, abordam uso da língua materna em situações reais, ou é sempre fora do contexto do dia a dia?
6. Como você queria que as aulas de língua portuguesa fossem ensinadas?